



## ST20. LINGUAGENS HISTORIOGRÁFICAS E A ESCRITA DA HISTÓRIA MÉTODOS E REPRESENTAÇÕES

1393

### JOANA D'ARC: UMA EXCESSÃO AO PENSAMENTO FEMININO NO SÉCULO XV

*Monyke do Nascimento Crispiniano<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo consiste na discussão da representação histórica de Joana D'Arc, desde as linguagens visuais como as pinturas até a cultura material. Desta forma, a intenção é compreender os fatos, a cultura, a mulher e as contradições dessa época, utilizando como fonte indispensável à produção fílmica. Utilizaremos como fonte de suma importância os Autos do Processo contra Joana D'Arc, seu injusto julgamento na qual foi questionada pela Igreja Católica. Diante do universo medieval, Joana D'Arc foi acusada de herética, bruxa, apóstata e idólatra, o que a condenou à fogueira. Sobretudo, com toda sua coragem e ousadia, tomou atitudes grandiosas tornando-se uma das mais célebres personagens da História. O objetivo principal desse artigo é tecer uma análise desse sujeito histórico, cuja proposta se concentra em observar as fases pela qual a guerreira Joana D'Arc passou, até ser canonizada como Santa pela Igreja Católica.

**Palavras-chave:** História. Representações. Guerreira. Joana D'Arc.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Falar sobre a importância do cinema para a História já é lugar comum e comprovadamente aceito que é não só benéfico, como extremamente instigante, como mais um recurso para nos debruçarmos sobre o decifrar da História, e a compreensão da mesma. <sup>2</sup>Portanto, os meios audiovisuais, são importantes hoje em dia como recursos de aprendizagem. Exemplifica-se aqui o auxílio que podem prestar no estudo da História de Joana D'Arc, filmes como: Joana D'Arc, dirigido por Victor Fleming (1948) e Joana D'Arc, dirigido por Luc Besson (1999); levando-se sempre em conta o fato e a época questão retratados, assim como a época em que o filme é feito, e também o modo de olhar o filme.

<sup>1</sup> Monyke do Nascimento Crispiniano, graduanda em Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba. (UEPB) e-mail: [monykmnc@gmail.com](mailto:monykmnc@gmail.com)

<sup>2</sup>BALDISSERA, José Alberto . **Ideias (visões) de Idade Média no Cinema**. In: I Encontro Estadual de Estudos Medievais, 2009, Porto Alegre. Ideias (visões) de Idade Média no Cinema, 2009. v. 2.

O cinema mostra, em relação à Idade Média, o interesse por alguns eventos, por ela ser um espaço e um tempo para o qual utopias desejadas se voltam e ganham força no nosso imaginário.

Na medida em que o celibato se tornou uma das exigências mais importantes da organização hierárquica da Igreja, notamos que a desvalorização feminina se põe como estratégia de manutenção da organização eclesiástica.

No que toca às representações das mulheres no medievo, as imagens e conceitos dominantes são aqueles produzidos por homens da Igreja, celibatários em sua maioria e instigados, em seus ambientes de formação e atuação social, a pensar a mulher como herdeira de Eva e agente de Satã, condenada por Deus ao sofrimento e ao domínio masculino.<sup>3</sup>

A principal preocupação com as mulheres era mantê-las virgens e afastar os clérigos desses seres demoníacos que personificaram a tentação. Dessa forma, a maior parte das autoridades eclesiásticas desse período via a mulher como portadora e disseminadora do mal. Isso as tornava má por natureza e atraída pelo vício.

Sobretudo, eram consideradas como a causa e objeto do pecado, e portadora de entrada para o demônio. Só não eram consideradas objetos do pecado quando eram virgens, mães ou esposas, ou quando viviam no convento. São estas as ideias com as quais os homens da Idade Média construíram as imagens de inúmeras mulheres. Portanto, vamos nos deter agora a uma das personagens mais célebres da História, Joana D'Arc.

Joana d'Arc nasceu na aldeia de Domremy, em 6 de janeiro de 1412, na França. Pertencente à uma família de camponeses, foi educada para ser uma boa esposa, para isso teve que dedicar-se em aprender as “prendas domésticas”. Filha de Jacques d'Arc e Isabel, católicos praticantes que a criaram na fé cristã, “Joana era uma moça boa, simplese afável. Ela frequentemente ia à Igreja e aos lugares sagrados. [...] tinha “boa conduta, era devota e paciente (PERNOUD, 1996, p.14 ).

Aparentemente, teve uma infância tranquila, apesar de ter crescido em meio uma guerra interminável, vendo sua gente e suas plantações exterminadas pela ação dos guerreiros.<sup>4</sup> Aos 13 anos de idade, Joana começou ouvir vozes, as quais, ela logo se convenceu de que vinham de Deus e a enxergar santos em suas visões. A mesma, frequentemente ia à Igreja e aos lugares sagrados. [...] Em um dia quente de verão, no jardim de sua casa, o arcanjo Miguel, Catarina de Alexandria e a virgem-mártir Margarida apareceram para a garota e lhe ordenaram que liderasse um exército francês.<sup>5</sup>

Porém, como foi abordado anteriormente sobre a imagem da mulher no medievo, podemos perceber que atitudes como essa de Joana, não eram bem vistas naquela época.

---

<sup>3</sup>ANDRADE, M. S. O. .Representações da Inquisição e de Joana d'Arc no cinema: o exemplo de La Passion de Jeanne d Arc, de Carl Theodor Dreyer (1928). In: I Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais: História e Historiografia, 2011, Salvador. Anais Eletrônicos Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais: História e Historiografia, 2011.

<sup>4</sup>WHEELWRIGHT, Julie. Joana D'Arc, **A Virgem Guerreira**. P. 1-5 .Ponto e Vírgula. Tradução: Ana Ban.

<sup>5</sup>WHEELWRIGHT, Julie. Joana D'Arc, **A Virgem Guerreira**. P. 1-5 .Ponto e Vírgula. Tradução: Ana Ban.

Joana era filha de camponeses, sua criação era voltada para cuidar das crianças, fiar a lã, tecer e ajudar a cultivar as terras. As mulheres com um nível social mais alto tinham uma rotina igualmente atribulada, pois administravam a gleba familiar quando seus maridos estavam fora. Porém, essa não foi a escolha que a jovem guerreira Joana D’Arc referiu seguir.

Com a idade de 17 anos, foi apresentada a Carlos VII como uma enviada de Deus, escolhida para libertar o seu país das garras dos ingleses, e levá-lo a ser coroado como o verdadeiro rei da França. As palavras de Joana encontram-se transcritas por Pernoud (1996, p. 43): “Gentil Delfim, chamo-me Joana, a donzela, e o rei dos céus, por meu intermédio, comunica-vos que sereis sagrado e coroado na cidade de Reims e sereis o lugar tenente do Rei dos céus, que é o rei da França”.<sup>6</sup>

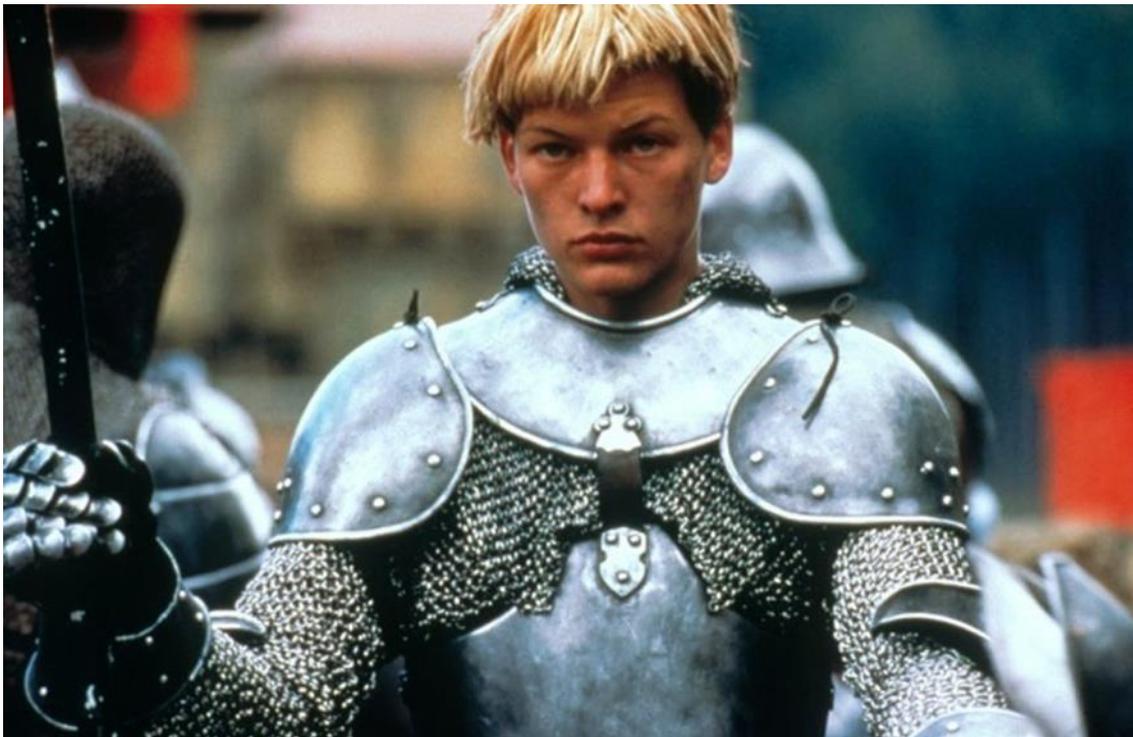
Vestida com trajes adequados à guerra e equipada militarmente, Joana tomou posse de uma bandeira e um estandarte e se transformou em uma camponesa guerreira, “cavaleiro dos céus, chefe de guerra”. Embora inexistissem leis que proibissem as mulheres de portar armas e guerrear, a participação de Joana na guerra, constituía-se em um problema: primeiro porque Joana não fora dotada de uma educação militar; segundo porque as mulheres, frágeis de corpo e de espírito, segundo o pensamento dominante, não foram feitas para a guerra.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup>WHEELWRIGHT, Julie. Joana D’Arc, **A Virgem Guerreira**. P. 1-5 .Ponto e Vírgula. Tradução: Ana Ban.

<sup>7</sup>ANDRADE, M. S. O. .Representações da Inquisição e de Joana d’Arc no cinema: o exemplo de La Passion de Jeanne d Arc, de Carl Theodor Dreyer (1928). In: I Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais: História e Historiografia, 2011, Salvador. Anais Eletrônicos Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais: História e Historiografia, 2011.

Figura 01. Essas ideias são incorporadas na performance do corte de cabelo e a maneira de vestir-se de Joana d’Arc, representada no filme de Luc Besson (1999), sendo representada pela atriz Milla Jovovich.



1396

Fonte: [http://3.bp.blogspot.com/7FO\\_WSpVdrc/TqSNXRjJKDI/AAAAAAAAAH0w/IAm0DtWGb8M/s1600/05+Joana+D%2527Arc+de+Luc+Besson.jpg](http://3.bp.blogspot.com/7FO_WSpVdrc/TqSNXRjJKDI/AAAAAAAAAH0w/IAm0DtWGb8M/s1600/05+Joana+D%2527Arc+de+Luc+Besson.jpg). Acesso em 31 jul. 2014.

O vestuário de Joana e o corte no cabelo eram, por si só, uma transgressão. Na Idade Média, o vestuário, como afirma Le Goff (1983), designava categorias sociais. Portar um uniforme de guerreiro, como o fez Joana, era cometer o pecado da ambição ou da degradação. O cabelo curto em mulheres indicava uma propensão à infidelidade às normas. Poderia ser, também, tomado como um sinal de arrependimento ou conversão. Cortá-los poderia ser tomado como penitência, mas, ainda assim, indica um passado de pecado, do qual a mulher buscava dissociar-se.)<sup>8</sup>

O nome Donzela, era uma forma de incriminá-la, ridicularizando sua “virgindade”; esta expressão foi algumas vezes substituída pela palavra “Pucelle”, com a mesma intenção.<sup>9</sup>

O pensamento de Joana era contrário à Igreja, seus feitos e gestos fizeram com que a Igreja fizesse inúmeras acusações contra a “Donzela”. Através disso, um dos instrumentos de grande utilidade para coibir “abusos heréticos” foi a criação do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição. Este também funcionava como arma de

<sup>8</sup>ANDRADE, M. S. O. .Representações da Inquisição e de Joana d'Arc no cinema: o exemplo de La Passion de Jeanne d Arc, de Carl Theodor Dreyer (1928). In: I Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais: História e Historiografia, 2011, Salvador. Anais Eletrônicos Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais: História e Historiografia, 2011.

<sup>9</sup>CERINI, F. R. **Julgamento e Processo de Condenação de Joana D'Arc : Teologia e Poder**. Revista Científica das Faculdades Integradas de Jaú (Impresso), v. 7, p. 64-77, 2010.

controle político e para manter ou cristalizar valores éticos, estéticos e morais de toda uma época.<sup>10</sup>

A heresia acompanha a história do cristianismo quase desde o começo; de fato, a nova religião definiu pouco a pouco, em particular através dos concílios, uma doutrina oficial da nova igreja, frente a essa ortodoxia desenvolvem-se “escolhas”, é este o sentido a palavra “ heresia” – diferentes, que mais ou menos cedo a Igreja condena.<sup>11</sup>

Essas heresias concernem ao dogma, e é o caso em particular de opiniões que não reconhecem a igualdade das três pessoas da Trindade [...] a sociedade e a civilização medievais repousam sobre o poder da Igreja, poder ao mesmo tempo espiritual e temporal.<sup>12</sup>

Através disso, teve início o processo inquisitorial, que, ao mesmo tempo, obteve um caráter religioso e outro, político. Sobre o mesmo, Macedo (1992, p. 87-8) registra:

[...] Ele foi iniciado a 9 de janeiro de 1431 por Pierre Cauchon. Além desse religioso, tomaram parte como acusadores Jean le Maistre, da Ordem dos Dominicanos, Jean Gravenet, inquisidor, profundo conhecedor das escrituras, Thomas de Courceles, reitor da Universidade de Paris, dois frades mendicantes, Martin Ladvenu e Isembard de Ia Pierre. Muitos bispos e cardeais ingleses participaram no processo. Na verdade, os acusadores faziam parte dos inimigos de Carlos VII. Procuraram provar que a “Donzela” era herege. O processo teve ao mesmo tempo caráter religioso, porque procurou examinar os fundamentos da fé de Joana, acusada, além de heresia, de bruxaria. Político, porque a condenação ou a absolvição teria peso considerável no resultado do conflito franco-inglês. Se culpada, Carlos VII poderia ser acusado de recorrer aos serviços de uma bruxa, de ser auxiliado pelos poderes maléficos da magia negra. O objetivo do processo foi, portanto, bastante claro: provar que a acusada era culpada. Entre 21 de fevereiro de 1431 e 17 de março de 1431 os religiosos interrogaram-na diariamente, extraindo detalhes mínimos que pudessem incriminá-la. De 17 a 27 de março de 1431 foram lidos e revistos os itens da acusação. Entre 23 e 29 de maio de 1431 foi proferida a sentença, condenando-a. Joana foi queimada em praça pública.

Tudo parecia ter terminado naquela tarde de maio de 1431: acusada de heresia, bruxa, de relatar falsas visões divinas, de induzir os outros a partilhar dessas crenças ilusórias e de trajar de roupas de homem, Joana enfim admitiu seus pecados e declarou-se arrependida. Os inquisidores fizeram então coloca-la um vestido e comprometer-se a jamais cometer tais crimes contra Deus novamente, caso quisesse ser perdoada e reintegrada à fé católica.<sup>13</sup>

As mulheres intimadas pela Inquisição eram, no entanto, encarceradas nas prisões das dioceses e arquidioceses e guardadas por outras mulheres, sendo mantida em

<sup>10</sup>CERINI, F. R. **Julgamento e Processo de Condenação de Joana D'Arc : Teologia e Poder**. Revista Científica das Faculdades Integradas de Jaú (Impresso), v. 7, p. 64-77, 2010.

<sup>11</sup>Le Goff, J. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

<sup>12</sup>Le Goff, J. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006. Pag. 120.

<sup>13</sup>WHEELWRIGHT, Julie. **Joana D'Arc, A Virgem Guerreira**. P. 1-5 .Ponto e Vírgula. Tradução: Ana Ban.

cárcere especial, sob os cuidados de freiras. Porém, percebemos uma contradição nessa época. A jovem, que tinha por volta de 19 anos, foi atirada a um mesmo local onde havia passado os últimos dias uma masmorra comum, guardada por homens.

Guardas arrancaram o vestido que Joana<sup>14</sup> usava e tentaram violentá-la, a partir dessa atitude, não restou outra opção a não ser cobrir-se com suas velhas roupas de homem. Convém lembrar que o rei francês manteve-se “isolado” durante o processo de condenação de Joana, aquela que um dia o fez coroar rei em Reims.<sup>15</sup>

Joana D’Arc respondeu aos interrogatórios com firmeza e afirmou amar sua bandeira, mas os inquisidores não desistiam de seu intuito: provar que Joana era uma feiticeira ou uma bruxa e que seus feitos tinham origem satânica.<sup>16</sup>

Eis a síntese apurada pelo Tribunal da Inquisição na visão de Twain (2001, p. 395)<sup>17</sup>:

[...] Atentem para algumas das acusações que havia no documento contra ela. Joana foi chamada de bruxa, de falsa profetisa, de conjuradora de espíritos, de mistificadora, ignorante dos preceitos católicos, de contestadora da fé, de sacrílega, de idólatra, de renegada, de blasfêmia contra Deus e contra os santos, escandalosa, sediciosa, perturbadora da ordem pública; foi acusada de incitar à violência e ao derramamento de sangue, de renegar a natureza de seu próprio sexo, vestindo-se como homem de maneira irreverente e assumindo a vocação de soldado; de enganar os poderosos e os humildes; de usurpar honrarias e de se fazer adorar, oferecendo as mãos e as vestes para que fossem beijadas.

A seguir, podemos observar o significado de algumas palavras na qual Joana d’Arc foi submetida:

- ❖ Foi chamada de mentirosa porque não apresentou “provas” de que foi uma “enviada de Deus”.
- ❖ Cruel e dissoluta: no sentido de revelá-la uma mulher traidora (partida para Chinon), quando se mostrou impiedosa, “abandonando” os pais.
- ❖ Apóstata: renunciadora da crença na “Igreja Militante”, “erro na fé” e prática de “outras crenças”. Também foi assim chamada por ter mandado cortar o cabelo, montar a cavalo e adotar vestes masculinas.

O próprio fato de Joana ser mulher também foi motivo para sua condenação, pois na época a voz e a ação das mulheres conheciam limites enormes, que Joana “extrapolou”. A partir de então, a história é conhecida: A França é mulher, a França é

<sup>14</sup>WHEELWRIGHT, Julie. **Joana D’Arc, A Virgem Guerreira**. P. 1-5 .Ponto e Vírgula. Tradução: Ana Ban.

<sup>15</sup>CERINI, F. R. Julgamento e Processo de Condenação de Joana D’Arc : Teologia e Poder. Revista Científica das Faculdades Integradas de Jaú (Impresso), v. 7, p. 64-772010.

<sup>16</sup>CERINI, F. R. Julgamento e Processo de Condenação de Joana D’Arc : Teologia e Poder. Revista Científica das Faculdades Integradas de Jaú (Impresso), v. 7, p. 64-77 2010.

<sup>17</sup>CERINI, F. R. Julgamento e Processo de Condenação de Joana D’Arc : Teologia e Poder. Revista Científica das Faculdades Integradas de Jaú (Impresso), v. 7, p.64-772010.

Joana D'Arc.<sup>18</sup>Joana D'Arc foi acusada de heresia e condenada à fogueira pela inquisição.

Figura 02. Representação de Joana D'Arc sendo morta na fogueira, logo após sua condenação



Fonte:

<http://4.bp.blogspot.com/oIpaKEUevxc/T8WIJFp13vI/AAAAAAAAERM/mNcpy2MQ9yQ/s1600/joana+duc.jpg>. Acesso em 31 jul. 2014.

A representação do passado por meio de imagens ganhou corpo ao longo do último século, especialmente com a difusão do uso do cinematógrafo. Especialmente Joana d'Arc – oscilante entre a glória e a repulsa, a fogueira e o altar – foi tomada como personagem central de vários filmes produzidos no século XX. Como nas fontes bibliográficas. Os filmes tentam apresentar uma realidade aproximada do possível comportamento e das eventuais ações de Joana, atitudes que aconteciam entre batalhas, geralmente travadas entre os fiéis e a Santa Igreja.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de liderar o exército francês contra a Inglaterra e seus partidários Joana D'Arc foi acusada de heresia e condenada à fogueira pela inquisição. Seu injusto julgamento foi questionado pela própria igreja, que, 500 anos depois de sua morte, canonizou a donzela.<sup>19</sup>

<sup>18</sup>CERINI, F. R. **Julgamento e Processo de Condenação de Joana D'Arc : Teologia e Poder**. Revista Científica das Faculdades Integradas de Jaú (Impresso), v. 7, p. 64-77, 2010.

<sup>19</sup>WHEELWRIGHT, Julie. **Joana D'Arc, A Virgem Guerreira**. P. 1-5 .Ponto e Vírgula. Tradução: Ana Ban.

Carlos VII, visando “resgatar” a imagem daquela que “salvou os territórios franceses” (posteriormente, Nação – França) reuniu uma documentação (somente após sua morte) visando reabilitá-la, após insistentes pedidos da mãe de Joana, Isabel Romée. Embora Joana nunca tenha sido esquecida inteiramente, o interesse por ela só reviveu de fato no século XIX, na fase nacionalista que se seguiu à Revolução Francesa.<sup>20</sup>

Em 1869, o bispo de Orléans, Félix Dupanloup, deu início às gestões para obter a sua canonização. Na década de 90, Leão XIII abriu uma investigação nesse sentido. Em 1909, Joana foi beatificada (Pio X) e, em 1920, canonizada (Bento XV).

Figura 03. Representação de Joana D’Arc vista como Santa pelos os franceses



Fonte: [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/6/6b/Jeanne\\_d%27Arc\\_-\\_Statue.JPG/640px-Jeanne\\_d%27Arc\\_-\\_Statue.JPG](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/6/6b/Jeanne_d%27Arc_-_Statue.JPG/640px-Jeanne_d%27Arc_-_Statue.JPG). Acesso em 31 jul. 2014.

Através disso, possamos entender ao longo desse artigo, um pouco da História de uma mulher (Joana D’Arc) que mudou completamente sua forma de agir e pensar, de vestir-se e falar, que foi queimada em praça pública, tornando-se uma das mulheres mais célebres da História e uma exceção ao pensamento feminino da época. Tornando-se ao longo dos anos, mártir da fé e também símbolo da luta dos direitos das mulheres.

<sup>20</sup> **CERINI, F. R.** Julgamento e Processo de Condenação de Joana D’Arc : Teologia e Poder. Revista Científica das Faculdades Integradas de Jaú (Impresso), v. 7, 2010.

**REFERÊNCIAS**

1948 – **Sant Joana D’Arc**– Vida e Martírio da Santa Joana D’Arc- filme estadunidense, do gênero drama biográfico, dirigido por Victor Fleming.

1999 – **The Story of Joana D’Arc** – filme canadense, do gênero: Épico / Drama / Histórico- Dirigido por Luc Besson.

MACEDO, José Rivair.**A mulher na Idade Média**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1992. (Coleção Repensando a História Geral).

PERNOUD, Régine.**Joana D’Arc, a mulher forte**. Trad. Jairo Veloso Vargas. São Paulo: Paulinas, 1996. (Coleção Testemunhas).

CERINI, F. R.**Julgamento e Processo de Condenação de Joana D’Arc : Teologia e Poder**. Revista Científica das Faculdades Integradas de Jaú (Impresso), v. 7, p. 64-77, 2010.

BALDISSERA, José Alberto . **Ideias (visões) de Idade Média no Cinema**. In: I Encontro Estadual de Estudos Medievais, 2009, Porto Alegre. **Ideias (visões) de Idade Média no Cinema**, 2009. v. 2.

WHEELWRIGHT, Julie.**Joana D’Arc, A Virgem Guerreira**. P. 1-5 .Ponto e Vírgula. Tradução: Ana Ban.

ANDRADE, M. S. O. .**Representações da Inquisição e de Joana d’Arc no cinema: o exemplo de La Passion de Jeanne d Arc, de Carl Theodor Dreyer (1928)**. In: I Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais: História e Historiografia, 2011, Salvador. **Anais Eletrônicos Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais: História e Historiografia**, 2011.

LE GOFF, J. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.